

Intenção Empreendedora na Administração ou Ciência da Computação: Quem Tem Mais?

Karen Cristine Fernandes - cristinekaren89@gmail.com

Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Formiga

Luiz Guilherme Rodrigues Antunes – luiz.antunes@ifmg.edu.br

Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Formiga

Miguel Rivera Peres Júnior - miguel.peres@ifmg.edu.br

Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Formiga

Resumo

Devido as constantes mudanças do ambiente, as instituições de ensino são obrigadas a se adaptarem as novas necessidades mercadológica e da sociedade. Nesse sentido o empreendedorismo emerge como uma alternativa para essas novas demandas. Assim, ao ensinar práticas empreendedoras há a necessidade de compreender os níveis de intenção propícias dos sujeitos acerca dessas práticas. Nesse sentido, o objetivo principal desse artigo foi analisar o nível de intenção empreendedora dos alunos dos cursos de Administração e Ciência da Computação de um Campus do IFMG. Ademais, dois objetivos específicos foram propostos, no qual, buscou-se (i) contextualizar os discentes, apresentando suas principais diferenças sociodemográficas segundo seus respectivos cursos; e (ii) identificar as principais variáveis dos construtos da intenção empreendedora que apontem perfis diferentes dos discentes em termos de intenção empreendedora. Partiu-se, portanto para uma pesquisa quantitativa, exploratória-descritiva, com aplicação de um questionário, no qual aplicou-se aos resultados o Teste de Hipótese de Wilcoxon-Mann-Whitney e Análise Discriminante. Como resultados verificou-se, inicialmente, que os alunos da administração são compostos na sua maioria por mulheres, mais velhas, com pais com nível de escolaridade mais baixa e estão satisfeitos tanto com o curso quanto com a instituição de ensino. Já os discentes de ciência da computação apresentam-se em sua maioria homens, mais novos, com pais com maior nível de escolaridade e também satisfeitos com o curso e com a instituição de ensino. Ademais, os resultados apontaram também que conforme as variáveis discriminadas os alunos da administração apresentam maior intenção empreendedora do que os alunos da ciência da computação, sobretudo por causa dos projetos pedagógicos. Tais resultados colaboram para a construção mais robusta da teoria envolvendo a intenção empreendedora, bem como possibilita que decisões possam ser tomadas para que seja mais estimulado a cultura empreendedora na formação dos discentes.

Palavras-chave: Intenção Empreendedora; Ensino Superior; Ciência da Computação; Administração; Empreendedorismo.

Abstract

Due to the constant changes in the environment, educational institutions are obliged to adapt to the new market and society needs. In this sense, entrepreneurship emerges as an alternative to these new demands. Thus, in teaching entrepreneurial practices there is a need to understand the subjects' levels of interest in these practices. In this sense, the main aim of this article was to analyze the level of entrepreneurial intention of the students of the Administration and Computer Science courses of an IFMG Campus. In addition, two specific goals were proposed, in which, it was sought to (i) contextualize the students, presenting their main sociodemographic differences according to their respective courses; and (ii) identify the

main variables of the entrepreneurial intentions constructs that point out different profiles of the students in terms of entrepreneurial intent. Therefore, a quantitative, exploratory-descriptive study was carried out with the application of a questionnaire, in which the Wilcoxon-Mann-Whitney Hypothesis Test and Discriminant Analysis were applied to the results. As a result, it was first noticed that the students in the administration are mostly composed of older women with parents with lower educational level and are satisfied with the course and the educational institution. On the other hand, the students of computer science are mostly men, younger, with parents with higher level of education and also satisfied with the course and with the educational institution. In addition, the results also pointed out that according to the discriminated variables the students of the administration are more entrepreneurial intent than the students of computer science, mainly because of the pedagogical projects. These results contribute to the more robust construction of the theory involving the entrepreneurial intension, as well as allows decisions to be made so that the entrepreneurial culture in the training of the students is stimulated.

Keywords: *Entrepreneurial Intention; Higher education; Computer Science; Administration; Entrepreneurship.*

1. Introdução

Atualmente, em um contexto em que tecnologia avança a cada dia e torna obsoleto aquilo que era considerado atualizado, se faz necessário constante exercício de modernização em diversos âmbitos, incluindo, também, as universidades. Como afirma Navarro (2014), as tecnologias têm aparecido em intervalos de tempo cada vez menores, mas o conhecimento, torna-se obsoleto em um ritmo rápido e contínuo. Sendo assim, o ensino proposto pelas instituições de ensino, deve estar em constante evolução para conseguir atender às novas demandas do mercado de trabalho e da sociedade. Como afirma Dolabela (2008), a universidade é o princípio da inserção na cultura empreendedora, por ser formadora de opinião e disseminadora do saber.

Vislumbrando a importância do empreendedorismo nos dias atuais, tem início a preocupação de capacitar o indivíduo para empreender, pois para tanto, é necessário um certo preparo (Neves & Pessoa, 2006). O desenvolvimento do perfil empreendedor, abrange capacitar o aluno para que seja capaz de desenvolver o senso de criação, e consiga conduzir e executar novos planos de vida. É de suma importância desenvolver uma consciência de formação, que desenvolva pessoas inovadoras, que detenham as características triviais para a formação empreendedora (Souza, 2001).

O empreendedorismo, portanto, possibilita ao discente de graduação desenvolver e aperfeiçoar habilidades e características que o possibilitem empreender em negócios de diferentes segmentos, além de fazer aflorar fatores inerentes a sua auto realização como parte de uma sociedade. Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) (2016), a disciplina de empreendedorismo no ensino superior possibilita que

estudantes de diversas áreas do conhecimento, desenvolvam comportamentos empreendedores e realizem práticas empreendedoras, em busca de se aperfeiçoarem profissional e pessoalmente. Entretanto, para Bird (1988), entender o processo de empreendedorismo implica, anteriormente, investigar a formação da intenção empreendedora, foco desse trabalho, uma vez que ela antecede a abertura de um novo negócio ou inovações que agregam valor a empreendimentos existentes.

Nesse interim, esse artigo se propõe a responder a seguinte problemática: existe diferença na intenção empreendedora entre alunos dos cursos de Administração e Ciência da Computação de um Campus do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)? Desta forma, o objetivo principal deste estudo foi analisar o nível de intenção empreendedora dos alunos dos cursos de Administração e Ciência da Computação de um *Campus* do IFMG. Assim, para responder a esse objetivo, estabeleceu-se dois objetivos específicos, no qual: (i) buscou contextualizar os discentes, apresentando suas principais diferenças sociodemográficas segundo seus respectivos cursos; e (ii) identificar as principais variáveis dos construtos da intenção empreendedora que apontem perfis diferentes dos discentes em termos de intenção empreendedora.

Como justificativa para a realização deste estudo têm-se que o campo da intenção empreendedora encontra-se ainda em consolidação. Além disso, verificar o papel da universidade, resumida nas atribuições de uma disciplina de empreendedorismo e nos projetos pedagógicos permitem reflexão sobre a suas próprias atuações visto que conforme aponta Shumpeter (1982) o empreendedorismo se tornou o motor da economia. Ademais, destaca-se que a tese defendida nesse trabalho é que advoga-se que os discentes da administração teriam maior intenção de empreenderem, do que discentes de outras áreas como a ciência da computação, visto que os alunos deste primeiro estariam em maior contato com disciplinas e teorias acerca do empreendedorismo.

Por fim, esse artigo apresenta mais quatro partes. A próxima parte aborda o referencial teórico, sendo precedido pelos métodos e procedimentos, análise e discussões e considerações finais.

2. Referencial Teórico

Nesse tópico abordou-se o empreendedorismo, educação empreendedora no curso superior e a intenção empreendedora.

2.1 Empreendedorismo

De acordo com Zambon (2014) o empreendedorismo é habitualmente associado a

capacidade de criar e gerir empresas, ter êxito nos negócios, gerar emprego, renda e riqueza. Mas, segundo a autora o empreendedorismo, vai muito além destes tópicos, sendo o seu fator primordial a realização do indivíduo como dono do seu próprio destino, instigando atitudes de inquietação e ousadia em sua relação para com o mundo.

Para Dornelas (2008), o empreendedorismo é fazer algo novo, ser agente de mudança, tendo como foco a inovação e agregação de valor. Já para Degen e Mello (1989), o empreendedorismo, é a capacidade de gerar riqueza, somado ao domínio do conhecimento técnico, sobre o produto que pretende ofertar ao mercado.

Já Filion (1999) ao apresentar o conceito de empreendedorismo, o pôs em uma visão abrangente, de modo que para o mesmo, empreendedor está relacionado com traços de personalidade marcante, no qual há capacidade de unir talento à habilidade de traçar metas e alcançá-las. Ainda segundo Filion (1999), um empreendedor tem como característica a não acomodação com o conhecimento adquirido, uma vez que busca tanto a atualização nas formas de inovar, quanto está disposto a correr riscos devidamente calculados.

Ainda nesse sentido, os empreendedores buscam desenvolver o mundo, bem como aproveitam oportunidades em meio a adversidade. O empreendedor vê o mundo de forma diferente, observando os fatos cuidadosamente, esperando apontar algo até então encoberto, seja por falta de interesse ou por desconhecimento do possível potencial. (Baggio & Baggio, 2015).

No entanto, deve-se ressaltar que esses atores não nascem empreendedores, embora possuam características marcantes, conforme manifestado por McClelland (1962), mas que pelo ato de empreender, vão ajustando e alterando o seu comportamento segundo os problemas vivenciados (Versiani & Guimarães, 2004) e aprendidos, mesmo que em sala de aula.

2.3 Educação empreendedora no ensino superior

A educação empreendedora é uma metodologia de ensino diferenciada, pois a educação considerada “comum” e enraizada no sistema de ensino tem como objetivo central repassar o conhecimento aos alunos. Já a educação empreendedora tem como o objetivo primordial desenvolver o ser humano de forma diferenciada o fazendo pensar “fora da caixa”, desenvolvendo profissionais que integram conhecimentos de múltiplas áreas para resolução de problemas. Ela capacita os discentes para que saibam reconhecer e aproveitar as oportunidades. Contribuindo assim, para a criação de valores financeiros, sociais e culturais para a sociedade na qual o indivíduo está inserido (Andrade & Torkomian, 2001).

De acordo com Silva (2010) a relação das universidades para com o empreendedorismo, tem sido construída e aperfeiçoada com o passar dos anos, objetivando a formação de profissionais mais preparados para as exigências do mercado de trabalho. Segundo o autor:

As Instituições de ensino superior (IES), costumavam apenas atuar na formação e no lançamento anual de inúmeros bacharéis no mercado, jovens esses completamente desprovidos das competências necessárias exigidas pela realidade contemporânea para que viessem a ocupar seu espaço numa sociedade em que o desemprego é regra, e cujas filas muitos acabavam por engrossar começaram a despertar para a importância da inserção, em suas grades curriculares, do ensino do empreendedorismo, como um caminho viável para dotar esses jovens dos conhecimentos requeridos para a abertura de um negócio próprio (Silva, 2010, p. 14-15).

As Instituições de Ensino Superior (IES) deixaram de ser propulsoras apenas do conhecimento teórico, mas passam a atuar como implementadora e difusora da cultura empreendedora, demonstrando aos seus alunos a relação intrínseca entre a teoria e prática. Nesse sentido, Hecke (2011) ressalta a importância das universidades no processo de formação do empreendedor:

As instituições de ensino superior tem sido o local apropriado para despertar, desenvolver ou fomentar empreendedores. O importante papel desempenhado pelas incubadoras, seja hospedando projetos de alunos ou de membros da comunidade, deve-se, em sua grande maioria, por iniciativas nascidas no âmbito das universidades nas mais diversas áreas do conhecimento (Hecke, 2011, p.13).

A educação empreendedora, se faz, portanto, como alicerce para que os discentes possam evoluir as suas habilidades e pensamentos pautados no empreendedorismo. Para Lopes (2010) a educação empreendedora pode ser exercida em todos os níveis de ensino, desde o básico até o superior com diferentes intuitos, sempre levando em conta a faixa etária do aluno. A autora ainda argumenta que a educação empreendedora ajuda a desenvolver habilidades e construir conceitos necessários para aluno se tornar empreendedor.

2.4 Intenções empreendedoras

Para Carvalho e González (2006), a consumação da idealização de criar um negócio é precedida da intenção, a qual pode ser delineada por determinado período. Sendo assim, a intenção seria o ponto inicial da criação e estruturação da abertura de um novo negócio.

Pautados nessa ideia, Krueger Junior., Reilly e Carsrud, (2000) desenvolveram um modelo de intenção empreendedora, o qual intitularam de Modelo Clássico de Intenção Empreendedora. Tal modelo pode ser observado na Figura1. Ressalta-se também que essa construção teórica foi a utilizada pela presente pesquisa.

Para os autores, as intenções empreendedoras têm origem em Fatores Exógenos, que

são aspectos determinantes do ambiente. De acordo com este modelo, os Fatores Exógenos influenciam as Normas Sociais Percebidas (NS), identificadas como o grau em que pessoas próximas ao empreendedor, tendem a aceitar a escolha de empreender como profissão. Estes, por sua vez influenciariam o Desejo Percebido (DP) do ator, que é o quanto o indivíduo deseja empreender.

Por outro lado, os Fatores Exógenos influenciariam, também, o constructo conhecido como Auto eficácia Percebida (AP), que pode ser conceituado como o entendimento do indivíduo sobre as suas habilidades. A Auto eficácia Percebida, por sua vez, seria fator determinante, para a dimensão Viabilidade Percebida (VP), que é entendida como a percepção do indivíduo de que é factível empreender (Krueger Junior. et al., 2000). O Modelo prevê que essa sequência culminaria com a determinação das Intenções Empreendedoras (IE).

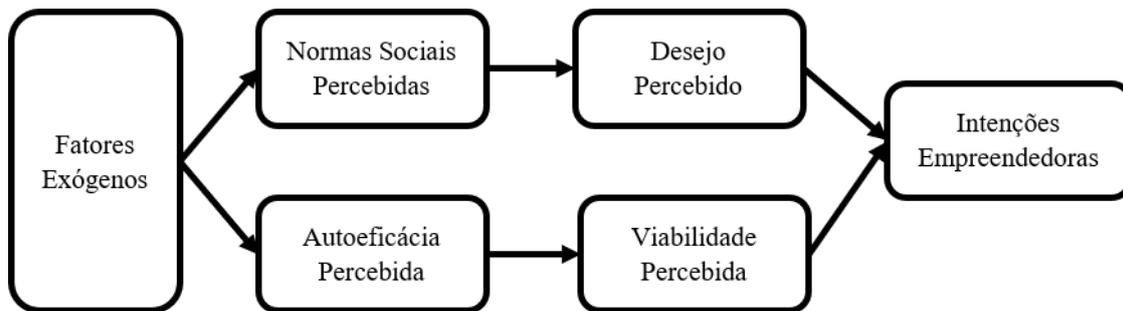


Figura 1: Modelo Clássico de Intenção Empreendedora.

Fonte: Krueger Junior, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of business venturing*, 2000.

A Figura 1, ilustra as premissas dispostas no modelo de (Krueger Junior., Reilly & Carsrud., 2000), demonstrando como se dá a influência dos fatores exógenos nos demais constructos apontados (Normas Sociais Percebidas, Autoeficácia Percebida, Desejo Percebido, Viabilidade Percebida), até finalmente findar o seu percurso nas Intenções Empreendedoras.

3. Métodos e procedimentos

Esse trabalho se caracteriza como quantitativo, exploratório-descritivo. Segundo Malhotra (2011, p.122) a pesquisa quantitativa “busca uma evidência conclusiva baseada em grandes amostras representativas e, normalmente envolve alguma análise estatística”. Já a atribuição exploratório-descritiva se dá, uma vez que a pesquisa exploratória busca evidenciar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno (Gil, 2008) e a pesquisa descritiva busca descobrir como um fenômeno ocorre, sua relação e sua conexão com outros fenômenos, sua natureza e suas características (Rampazzo, 2002).

Como método de procedimento utilizou-se o *survey* que busca informações diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Além disso essa estratégia é útil para pesquisas exploratórias e descritivas (Santos, 1999). Assim, foi investigado os estudantes de um *Campus* do Instituto Federal de Minas Gerais que cursavam a disciplina de empreendedorismo nos cursos de administração e ciência da computação. Tais disciplinas compõem a matriz curricular obrigatória dos cursos para os planos pedagógicos de 2015. Nesse sentido, os alunos cursam essa disciplina no oitavo período dos cursos, momento em que as disciplinas são ofertadas. Para a disciplina do curso de administração estavam matriculados 31 alunos e para a ciência da computação obtinha-se 40 estudantes.

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário *online* autopreenchido. Assim, esse instrumento de coleta foi embasado no trabalho de Barral (2015) e Barral, Ribeiro e Canever (2018). Dividiu-se, portanto, o questionário em dois blocos, no qual a primeira parte verificou os dados socioeconômicos, com 18 perguntas; e a segunda parte objetivou levantar a intenção empreendedora dos alunos, com 61 perguntas. Como resultado da aplicação dos questionários, obteve-se 24 respostas para a turma de administração (77,42%) e 29 respostas para a turma de ciência da computação (72,50%). Segundo Marconi e Lakatos (2005), geralmente, a taxa média de devoluções dos questionários não ultrapassa 25%. Os dados foram coletados em agosto de 2018.

Como plano de análise utilizou-se o *software SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences)*. Inicialmente, optou-se verificar a confiabilidade dos dados em seus respectivos construtos. Logo, procedeu-se a análise do *Alfa de Cronbach*. Posteriormente para caracterizar os sujeitos do estudo, buscou-se verificar quais variáveis eram mais significativas para a diferenciação das turmas conforme os respectivos cursos. Para isso, foi aplicado o Teste de Hipótese de Wilcoxon-Mann-Whitney. Para a verificação da intenção empreendedora de cada classe, procedeu-se a Análise Discriminante a fim de verificar quais variáveis de cada construto foram as mais preponderantes conforme cada curso. Optou-se por utilizar o Método *Stepwise* (por etapas), pois é o método mais comumente utilizado e estima as funções discriminantes do qual as variáveis independentes entram sequencialmente de acordo com o poder discriminatório que elas acrescentam a precisão de pertinência no grupo (Hair Junior, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009). Ao final dessa etapa, relacionou-se as variáveis discriminadas com os respectivos cursos, com o intuito de verificar comparativamente o comportamento de tais variáveis.

4. Análises e Discussões

Os resultados obtidos pela coleta de dados foram distribuídos em duas partes. A primeira engloba uma caracterização dos sujeitos de pesquisa. Já na segunda parte é discorrido sobre as diferenças entre estudantes dos cursos de administração e ciência da computação, sobretudo no que concentra a intenção empreendedora.

Entretanto, para iniciar as análises de dados, foi aplicado sobre os dados a análise do *Alfa de Cronbach*, a fim de verificar a confiabilidade dos dados do trabalho. Assim, o Alfa foi calculado segundo cada construto. Obteve-se, portanto, a Tabela 1 com os respectivos valores.

Tabela 1:

Confiabilidade dos dados

Construto	Valores de Alfa de Cronbach
NS	0,774
DP	0,936
AP	0,881
VP	0,906
IE	0,905

Com base nos resultados obtidos, pode-se verificar que todos os valores foram superiores que o valor mínimo considerado ideal, de 0,600, conforme os pressupostos de Hair Junior, Black, Babin, Anderson e Tatham (2009). Sendo assim, verifica-se alta confiabilidade dos dados.

4.1 Administração e ciência da computação: caracterização dos sujeitos

Além dos dados coletados a respeito da intenção empreendedora dos discentes, foram coletados dados para caracterizar o perfil dos estudantes da administração e ciência da computação. Nesse sentido, foram investigados dados sociodemográficos como sexo, estado civil, curso na universidade, data para formatura, outra formação acadêmica, satisfação no curso de graduação e na instituição de ensino superior, planejamento após a formatura, se alguém na família tem negócio próprio, pensamento em ser empreendedor, renda familiar mensal, trabalho, nível de instrução do pai e da mãe, tipo de escola do ensino fundamental e médio e frequência em curso preparatório para vestibular/Enem.

Assim, para caracterizar cada grupo, se fez necessário aplicar teste de hipótese para verificar quais dessas variáveis sociodemográficas diferenciam, de fato, os grupos em análise. Entretanto para que essa análise seja efetuada, é necessário verificar a normalidade dos dados, por meio do teste de normalidade. Assim procedeu-se o Kolmogorov-Smirnov. A escolha de tal teste se deu por o mesmo ser indicado para amostras com de 30 respondentes (Mendes & Pala, 2003). Assim, como hipótese nula estabeleceu-se que os dados apresentam distribuição normal. Como resultado verificou-se a rejeição da hipótese nula, no qual os valores de p para as variáveis foram inferiores ao nível de 0,01 de significância. Logo, ao nível de 1% de

significância tem-se que, para todas as variáveis, a distribuição Normal não é adequada para modelar os dados.

Desse modo, o teste de hipótese a ser indicado deve ser o não paramétrico, visto a não normalidade dos dados. Assim, escolheu-se o Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney. Tal teste “permite comparar as funções de distribuição de uma variável pelo menos ordinal medida em duas amostras independente” (Maroco, 2007, p.219). Admitiu-se, portanto, como hipótese nula que as variáveis sociodemográficas dos grupos de alunos de administração são iguais aos dos alunos da ciência da computação. Como resultado, obteve-se que a Tabela 2.

Tabela 2:
Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney.

Variáveis	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Asymp. Sig. (2-tailed)
Sexo	118,000	553,000	-4,752	,000
Idade	237,000	672,000	-2,102	,036
Estado Civil	336,000	636,000	-,910	,363
Outra Formação	326,500	626,500	-,840	,401
Ano de Ingresso	249,000	549,000	-1,904	,057
Satisfação no Curso	180,000	480,000	-3,270	,001
Satisfação na IPES*	240,000	540,000	-2,119	,034
Depois de Formado	258,500	558,500	-1,654	,098
Família tem próprio Negócio	283,000	718,000	-1,296	,195
Tornar-se empreendedor	345,000	780,000	-,072	,943
Renda da Família	291,000	591,000	-1,114	,265
Trabalha atualmente	322,000	622,000	-,616	,538
Instrução do Pai	241,000	541,000	-2,003	,045
Instrução Mãe	138,500	438,500	-3,904	,000
Estudos no Ensino Fundamental	282,500	582,500	-1,716	,086
Estudos no Ensino Médio	279,000	579,000	-1,642	,101
Cursinho	328,500	628,500	-,687	,492

Note: *Instituição Pública de Ensino Superior.

Embasado nos resultados da Tabela 2, verifica-se que as variáveis sexo, idade, satisfação do curso, satisfação na Instituição Pública de Ensino Superior e instrução do pai e da mãe apresentaram valores abaixo do nível de significância de 0,05, o que significa que essas variáveis rejeitam a hipótese nula.

Após o Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney estabeleceu-se o perfil predominante dos sujeitos, que é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3:
Perfil dos estudantes de administração e ciências sociais

Variáveis	Administração	Ciências Sociais
Sexo	Mulheres (83,3,7%).	Homens (82,7,3%).
Idade	De 20 a 22 anos (83,3%).	De 20 a 21 anos (86,2%).
Satisfação no Curso	70,8% dos estudantes satisfeitos ou muito satisfeitos.	86,2% dos estudantes satisfeitos ou muito satisfeitos.
Satisfação no IPES	70,8% dos estudantes satisfeitos ou muito satisfeitos.	89,6% dos estudantes satisfeitos ou muito satisfeitos.

Nível de Instrução do Pai	Ensino fundamental completo ou incompleto.	Ensino médio completo ou incompleto.
Nível de Instrução da Mãe	Ensino fundamental completo ou incompleto.	Ensino médio completo ou incompleto.

Desse modo, é possível verificar que os alunos da administração são compostos pela maioria mulheres, mais velhas, com satisfação do curso e da instituição pública de ensino superior mais baixa do que os alunos da ciência da computação, bem como seus pais são tem menor nível de escolaridade, ou seja, ensino fundamental. Já os alunos da ciência da computação se constituem pela maioria de homens, mais novos, com melhor satisfação do curso e da instituição pública de ensino superior e seus pais apresentam maior nível de escolaridade, com ensino médio. Após apresentar o contexto dos alunos discorre-se, no próximo tópico, das principais diferenças entre os alunos acerca da intenção empreendedora.

4.2 Administração e ciência da computação: intenção empreendedora

Com o propósito de se identificar as variáveis mais preponderantes que diferenciam os alunos da administração e da ciência computação, realizou-se a Análise Discriminante. Assim, estabeleceu-se como variável dependente a variável cursos. Já como variáveis independentes inseriu-se as variáveis de cada construto individualmente, ou seja, foram realizadas as análises discriminantes conforme cada construto (NS, DP, AP, VP e IE). Ademais, aceitou-se como hipótese nula de que não há diferenças entre os cursos nos respectivos construtos.

Como resultado para o primeiro construto, Normas Sociais (NS), a Análise Discriminante aceitou a hipótese nula, ou seja, não há diferenciação entre os alunos da administração e da ciência da computação. Isso indica que não há variáveis que discriminam um grupo do outro. Já para o segundo construto Desejo Percebido (DP) houve a rejeição da hipótese nula, indicando diferenças entre os cursos, com nível de significância de 1% pelo Teste de Lambda de Wilks. Conforme o Método *Stepwise* encontrou-se somente a variável ‘Conhecimento sobre o ambiente empresarial’. A função discriminante apresentou Coeficiente de Correlação Canônica para a primeira função de 0,459, o que apresenta médio grau de associação entre a função e os cursos analisados. Por último, os resultados também apresentaram que essa variável classifica corretamente os 69,8% dos integrantes dos cursos, o que aponta alto percentual de coerência de classificação.

Já para o construto de Auto Eficácia Percebida (AP), a análise rejeitou a hipótese nula, com nível de significância de 5% pelo Teste de Lambda de Wilks. Pelo Método *Stepwise* verificou-se somente a variável ‘Eu confio na minha capacidade para delegar tarefas ou responsabilidade a outras pessoas’. A função discriminante apresentou Coeficiente de

Correlação Canônica para a primeira função de 0,281, o que apresenta baixo grau de associação entre a função e os cursos analisados. Ademais, os resultados apresentaram que 64,2% dos alunos foram classificados corretamente dentre os cursos, o que aponta alto percentual de coerência de classificação.

Para a Viabilidade Percebida (VP) a análise também rejeitou a hipótese nula, com nível de significância de 1% pelo Teste de Lambda de Wilks. Pelo Método *Stepwise* verificou-se as variáveis ‘Estou confiante de que eu teria sucesso se eu começasse meu próprio negócio’, ‘Na minha universidade, há uma boa infraestrutura de apoio para o começo de novas empresas’ e ‘Na minha universidade, há várias pessoas com boas ideias para um novo negócio’. A função discriminante que apresentou Coeficiente de Correlação Canônica para a primeira função de 0,529, o que apresenta médio grau de associação entre a função discriminante e os cursos. Além disso, os resultados apresentaram que 73,6% dos estudantes foram classificados corretamente entre os cursos, o que aponta alto percentual de coerência de classificação.

Por último o próprio construto de Intenção Empreendedora rejeitou a hipótese nula, com nível de significância de 1% pelo Teste de Lambda de Wilks. Pelo Método *Stepwise* verificou-se as variáveis ‘Quanto desses conhecimentos você acredita ter recebido na universidade?’, ‘Qual o nível de conhecimento você acredita ter para administrar/gerenciar um novo negócio?’ e ‘A disciplina de empreendedorismo fomenta a vontade de empreender’. A função discriminante apresentou Coeficiente de Correlação Canônica para a primeira função de 0,736, o que apresenta alto grau de associação entre a função e os cursos analisados. Por último, os resultados também apresentaram que essa variável classifica corretamente os 88,7% dos integrantes dos cursos, o que aponta alto percentual de coerência de classificação.

Para maior entendimento sobre a relação dos cursos com as variáveis mais preponderantes foi elaborado a Tabela 4, a seguir, que relaciona cada variável discriminada com os respectivos cursos.

Tabela 4:

Relacionamento entre as variáveis discriminantes e os cursos

Variáveis Discriminadas	Administração	Ciência da Computação
DP – Frequentaria curso de empreendedorismo que proovesse conhecimento sobre o ambiente empresarial.	66,7% acreditam que é provável ou muito provável.	51,7% acreditam ser indiferente.
AP - Eu confio na minha capacidade para delegar tarefas ou responsabilidade a outras pessoas.	58,3% concordam parcial ou totalmente.	44% são indiferentes.

VP- Na minha universidade, há uma boa infraestrutura de apoio para o começo de novas empresas.	54,2% discorda parcial ou totalmente.	41,4% é indiferente.
VP - Na minha universidade, há várias pessoas com boas ideias para um novo negócio.	50% é indiferente.	55,2% discorda parcial ou totalmente.
VP - Estou confiante de que eu teria sucesso se eu começasse meu próprio negócio.	45,8% concorda parcial ou totalmente.	37,9% concorda parcial ou totalmente.
IE - A disciplina de empreendedorismo fomenta a vontade de empreender.	79,2% concorda parcial ou totalmente.	44,8% concorda parcial ou totalmente.
IE - Quanto desses conhecimentos você acredita ter recebido na universidade?	66,7% bom ou muito bom conhecimento.	48,3% nenhum ou pouco conhecimento.
IE - Qual o nível de conhecimento você acredita ter para administrar/gerenciar um novo negócio?	54,2% bom ou muito bom conhecimento.	75,9% nenhum ou pouco conhecimento e indiferentes.

Nota: os valores apresentados são os mais predominantes.

Ao analisar as relações, pode-se perceber que os alunos entre os cursos se diferenciam nas variáveis analisadas. Nesse sentido, os alunos da administração apresentam-se com maior intenção empreendedora, visto que são mais otimistas a empreender. Isso pode ser observado quando os mesmos afirmam que os conhecimentos já adquiridos podem ajudar a empreender e a gerenciar um negócio.

Por outro lado, os estudantes da ciência da computação se apresentam mais céticos e com menor propensão a intenção empreendedora. Isso pode ser verificado à medida que os mesmos afirmam que não obtém conhecimentos suficientes para empreender e gerenciar um negócio.

Tais resultados podem ser justificados conforme os seus respectivos projetos pedagógicos. Assim, ao verificar tais documentos institucionais, foi possível observar que no curso de administração há incentivo a prática empreendedora, conforme os trechos extraídos do projeto pedagógico:

- a) Objetivo do curso: “Fomentar o empreendedorismo e inovação ao profissional, habilitando-o para identificar problemas e propor soluções inovadoras e com viabilidade técnica econômica e econômica, respeitando os compromissos com a ética e cidadania” (IFMG, 2015a, p.13); e
- b) Perfil do egresso: “o egresso do Curso de Graduação em Administração irá atuar como empreendedor, podendo exercer funções administrativas tanto em instituições privadas, públicas e no terceiro setor” (IFMG, 2015a, p.15).

Por último, de 2430 horas de disciplinas obrigatórias e optativas que o curso oferece, 660 horas são de formação complementar (no qual se encontra o empreendedorismo), equivalendo a 27,16% de horas do curso de administração.

Já para o curso de ciência da computação, o plano pedagógico de 2015 não apresenta

perspectivas administrativa e empreendedora. Em outras palavras, ao analisar os itens de princípios norteadores do projeto pedagógico, objetivos do curso, perfil do egresso, áreas de atuação e matriz curricular não foi possível identificar enfoque nessas áreas. Percebeu-se, portanto que, embora o perfil do egresso se concretize que o aluno esteja apto em resolver problemas, possa desenvolver atividades profissionais, empreenda na área da Computação e Informática e desenvolva atividades em pesquisa (IFMG, 2015b), o mesmo não apresenta perspectivas de aptidões, competências técnicas e habilidade gerais para a prática do empreendedorismo. Além disso, cabe ressaltar que de 2730 horas de disciplinas obrigatórias e optativas, somente 180 horas são disciplinas ‘não técnica da computação’ (o qual compreende a disciplina de empreendedorismo), o que equivale a 6,5% do curso de computação.

5. Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar o nível de intenção empreendedora dos alunos dos cursos de Administração e Ciência da Computação de um Campus do IFMG. Para isso dividiu-se a pesquisa em dois objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico, buscou contextualizar os discentes, apresentando suas principais diferenças sociodemográficas segundo seus respectivos cursos. Dessa forma, obteve-se que os alunos da administração são compostos pela maioria de mulheres, mais velhas, com pais com nível de escolaridade baixa (ensino fundamental), e alta satisfação do curso e da instituição pública de ensino superior, porém mais baixa que do curso de ciência da computação. No que se refere aos alunos de ciência da computação, esses são compostos na sua maioria de homens, mais novos, com pais em nível de escolaridade média (ensino médio), com melhor satisfação do curso e da instituição pública de ensino superior.

Para o segundo objetivo específico, de identificar as principais variáveis dos construtos da intenção empreendedora que apontem perfis diferentes dos discentes em termos de intenção empreendedora, obteve-se as variáveis discriminadas ‘frequentaria curso de empreendedorismo que provesse conhecimento sobre o ambiente empresarial’, ‘eu confio na minha capacidade para delegar tarefas ou responsabilidade a outras pessoas’, ‘na minha universidade, há uma boa infraestrutura de apoio para o começo de novas empresas’, ‘na minha universidade, há várias pessoas com boas ideias para um novo negócio’, ‘estou confiante de que eu teria sucesso se eu comesse meu próprio negócio’, ‘a disciplina de empreendedorismo fomenta a vontade de empreender’, ‘quanto desses conhecimentos você acredita ter recebido na universidade?’ e ‘qual o nível de conhecimento você acredita ter para administrar/gerenciar um novo negócio?’. Tais variáveis apontaram que os discentes do curso

de administração apresentam maior intenção empreendedora do que os da ciência da computação e isso pode ser justificado conforme os respectivos projetos pedagógicos.

Assim, ressalta-se que o presente estudo alcança seu objetivo principal. Além disso, destaca-se que tais achados contribuem teoricamente reafirmando a construção teórica acerca da intenção empreendedora, o qual ainda se encontra emergente. Ademais, contribui gerencialmente as coordenações dos cursos e as demais instâncias acadêmicas deliberadoras, uma vez que possibilita reanalisar os cursos buscando enfoque empreendedor, uma vez que os aspectos contextuais socioeconômicos (como política, economia, mercado e outros) exigem profissionais mais multidisciplinares, bem como empreendedores.

Como limitação da pesquisa ressalta-se a comparação baseada em somente dois cursos, visto que outros cursos também possuem empreendedorismo em sua grade. Como agenda de pesquisas futuras é possível ampliar a pesquisa para outros cursos do referido *Campus*, bem como é possível desenvolver essa aplicação em outras instituições de ensino. Ademais, ressaltar a complementação da pesquisa com os próprios estudantes pesquisados nessa pesquisa, buscando aprofundamento nas variáveis discriminadas por meio de pesquisas qualitativas.

Referências

- Andrade, R. F. D., & Torkomian, A. L. V. (2001). Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. In *Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2, 299-311.
- Baggio, A. F., & Baggio, D. K. (2015). Empreendedorismo: Conceitos e definições. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 1(1), 25-38.
- Barral, M. R. M. (2015). *Influência do ambiente universitário na intenção empreendedora: Uma análise comparativa para universidades públicas e privadas no Brasil*. Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.
- Barral, M. R. M., Ribeiro, F. G., & Canever, M. D. (2018). Influence of the university environment in the entrepreneurial intention in public and private universities. *RAUSP Management Journal*, 53(1), 122-133.
- Bird, B. (1988). Implementing entrepreneurial ideas: The case for intention. *Academy of Management Review*, 13(3), 442-453.
- Carvalho, P. M. R. D., & González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12(1), 43-65.
- Degen, R. J., & Mello, A. A. A. (1989). *O empreendedor: fundamentos da iniciativa*

- empresarial. McGraw-Hill.
- Dolabela, F. (2008). *Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza*. Sextante.
- Dornelas, J. C. A. (2008). *Empreendedorismo*. Elsevier Brasil.
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, 34(2), 5-28.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise Multivariada de Dados*. Bookman Editora.
- Hecke, A. P. (2011). *A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração em ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR*. Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- Instituto Federal de Minas Gerais (2015a). Projeto Pedagógico do Curso de Administração 2015.1. Recuperado em 14 de outubro de 2018, de www.ifmg.edu.br.
- Instituto Federal de Minas Gerais (2015b). Projeto Pedagógico do Curso de Ciência da Computação 2015.1. Recuperado em 14 de outubro de 2018, de www.ifmg.edu.br.
- Krueger Jr, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5-6), 411-432.
- Lopes, R. M. A. (2010). *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Elsevier.
- Malhotra, N. K. (2011). *Pesquisa de Marketing: foco na decisão*. 3. ed. São Paulo: Pearson Pren-tice Hall.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2005). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com Utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Silabo.
- McClelland, D. C. (1962). *The achieving society*. Princeton, N. J.: Van Nostrand,
- Mendes, M., & Pala, A. (2003). Type I error rate and power of three normality tests. *Pakistan Journal of Information and Technology*, 2(2), 135-139.
- Navarro, L. (2014). *A importância da disciplina para o empreendedor*. Recuperado em 22 junho, 2018, de <https://carreiras.empregos.com.br/seu-emprego/a-importancia-da-disciplina-para-o-empendedor/>.
- Neves, J. A. D., & Pessoa, R. W. A. (2006). Causas da mortalidade de micros e pequenas empresas: o caso das lojas de um shopping center. *Revista Organizações em Contexto*, 2(4), 165-195.

- Rampazzo, L. (2002). *Metodologia Científica*. 3 ed. São Paulo: Editora Loyola.
- Santos, O. D. (2001). *Estratégias para capacitação dos administradores com visão empreendedora*. Mestrado. Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Santos, B. D. S. (1999). *Um discurso sobre as ciências*. Porto (Portugal): Afrontamento.
- Schumpeter, J. A. (1982). Economic theory and entrepreneurial history. *Revista Brasileira de Inovação*, Rio de Janeiro, 1 (2), pp. 203-224, jul./dez.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2016) *Sobrevivência das empresas no Brasil*. Recuperado em 28 maio, 2018, de http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal_Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-2016.pdf.
- Silva, G. S. D. (2010). *Educação empreendedora nas IES cearenses: Um estudo multicaso*. Mestrado. Universidade de Fortaleza.
- Souza, E. C. L. D. (2001). A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa. In. *Congresso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública*, 6, Buenos Aires, Argentina.
- Versiani, Â. F., & Guimarães, L. D. O. (2004). A construção da carreira de “empreendedor” delineando as bases do aprendizado e conhecimento na criação de empresas. In. *Encontro Nacional da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração*, Curitiba, PR, 28.
- Zambon, S. A. (2014). *Educação empreendedora: análise dos temas abordados no ensino fundamental, médio e superior*. Mestrado. Universidade Federal de São Carlos.